



A análise da relação do paciente e sua crença
acerca de Deus: uma importante área a ser
considerada no tratamento das “neuroses”

MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO

Dr. Mário Santana Maracaípe

80600042@mackenzista.com.br

2º SEMESTRE / 2022

Formação em Psicanálise Clínica

Campinas (SP)

Prof. André Figueira e Paulo Vieira

Campinas (SP), 15/11/2022

Dedicatória

Dedico esta monografia àqueles que, como os bons amigos *Freud* e *Pfister*, podem discordar em suas crenças mas que concordam na disposição em aprender para melhor servir.

Agradecimentos

Agradeço a Deus e a toda a equipe do Instituto Brasileiro de Psicanálise Clínica.

“Então vi toda a obra de Deus, que o homem não pode perceber, a obra que se faz debaixo do sol; por mais que trabalhe o homem para *a* descobrir, não *a* achará; e, ainda que diga o sábio que *a* conhece, nem *por isso a* poderá compreender.” (Eclesiastes 8.17).

“Por que estás abatida, ó minha alma, e por que te perturbas dentro de mim? Espera em Deus, pois ainda o louvarei, *o qual* é a salvação da minha face, e o meu Deus.” Salmo 42.11

Índice

Introdução.....	5
1. Conceito de <i>Deus</i> e da <i>religião</i> em <i>Freud</i>	6
2. <i>Neuroses</i> : principais causas, sintomas, terapia e cura.....	9
3. Primeiro registro <i>histórico</i> de sintomas “neuróticos” e sua aparente ligação ao afastamento humano de Deus	11
3.1 Origem das instâncias psíquicas em Moisés e Paulo	13
3.2 Análise <i>comportamental</i> de <i>Adão</i> e <i>Eva</i> e a <i>possível</i> identificação da <i>origem</i> das neuroses humanas.....	15
3.3 O conceito <i>errôneo</i> acerca de Deus e da sua relação com o humano: a <i>causa</i> de todas as neuroses?.....	16
4. Um modelo divino de “Psicanálise” revelado no Éden	19
4.1 Primeira pergunta divina e a origem do <i>medo</i>	19
4.2 Segunda pergunta divina e a <i>causa</i> do medo	22
4.3 Terceira pergunta analítica e a <i>confissão</i>	24
4.4 Quarta pergunta analítica e a <i>megalomania</i>	25
4.5 A esperança da redenção num mundo <i>neurótico</i>	26
5. Abordagem acerca de “Deus” no <i>setting</i> psicanalítico	30
5.1 – Perguntas relacionadas à <i>crenças pessoais</i>	31
5.2 – Perguntas relacionadas ao <i>medo</i>	31
5.3 – Perguntas relacionadas à <i>culpa</i>	32
5.4 – Perguntas relacionadas à <i>confissão de culpa</i>	33
5.5 – Perguntas relacionadas <i>Deus</i> e à <i>religião</i>	34
5.6 – Perguntas relacionadas à <i>esperança</i>	35
Conclusão	36
Referências bibliográficas	37

Introdução

Neste trabalho desenvolveremos o conceito da abordagem psicanalítica relativa à percepção pessoal do analisando acerca de sua possível relação com Deus – seja a *persona* de Deus em si, as *ações* de Deus em sua vida ou de *manifestações* sobrenaturais divinas – considerando que tal aproximação pode ter o potencial de ser uma ferramenta psicanalítica essencial no sentido de cooperar no processo do tratamento das neuroses.

Esta abordagem demonstra-se relevante *não apenas* devido à natureza espiritual humana, reconhecida na psicanálise como uma parte do “ser” humano, *como também* devido ao evidente fenômeno *sociorreligioso* humano, tendo em vista ser este, uma expressão de sua *latente* espiritualidade em âmbito universal, observado tanto em culturas consideradas como arcaicas quanto nas sociedades “evoluídas”. Portanto, a análise dos recônditos conceitos e experiências “teológicas” individuais pode revelar as *causas* e *razões* de traumas, convicções, e ações *possivelmente* originadas na relação do paciente com o “Deus” de sua crença, podendo assim cooperar beneficentemente no processo terapêutico, seguindo, obviamente, os *princípios* e técnicas psicanalíticas.

Nossa *metodologia* fundamenta-se em pesquisa bibliográfica e nossa *abordagem* concernente à relação *Deus-religião*, considera esta última um *fenômeno universal* devido ao senso de cada humano quanto à existência de Deus como *um ser supremo* que pode ser cultuado *por meio* da religião. Consideramos, entretantes, a relação *paciente-Deus* uma relação *pessoal* enquanto a relação *paciente-religião* uma relação *institucional*.

Inicialmente abordaremos o conceito de Deus e da religião em Freud, em seguida discorreremos acerca da definição das neuroses, suas principais causas, sintomas, sua terapia e a esperança de cura, posteriormente analisaremos o fenômeno da neurose na primeira família humana e seus distúrbios espirituais por meio da Bíblia seguido de uma consideração da esperança ímpar a partir da correta crença em Deus e, finalmente abordaremos acerca da abordagem do assunto “Deus” no *setting* psicanalítico.

1. Conceito de Deus e da religião em Freud

Freud declarou sua aversão à religião em geral e sua crença *ateísta* a partir da *juventude* apesar de sua etnia judaica – povo de fé *monoteísta* cuja história está inexoravelmente ligada à própria religião. Freud considerava-se um *judeu* quanto à sua *etnia*, mas um não “praticante” da religiosidade judaica, fé que sua esposa professava, sendo bisneta de um rabino mor. Freud aparentemente atribui a resistência à psicanálise causada por suas convicções pessoais relativas a Deus e à religião:

“Os adultos não podiam ser lembrados de sua pré-história, que veio a lhes parecer tão ingloria; enfureceram-se quando a psicanálise quis levantar o véu de amnésia da sua infância. Houve apenas uma saída: o que a psicanálise afirmava tinha de ser falso, e essa suposta nova ciência devia ser uma urdidura de fantasias e distorções.”¹

O entendimento de Freud acerca da origem da religião baseou-se nos registros históricos de Frazer: “Minhas fontes literárias principais para os trabalhos nesse campo foram as conhecidas obras de J. G. Frazer (Totemism and exogamy [1910], The golden bough [O ramo dourado, 1900]), que são uma mina de fatos e pontos de vista valiosos.” (op. cit., p. 131). Freud também baseou-se numa outra obra de Smith: “A parte que faltava me veio ao tomar conhecimento da obra de W. Robertson Smith, The religion of the semites. Esse homem genial, físico e estudioso da Bíblia, sustentou que a ‘refeição totêmica’ era uma parte essencial da religião totêmica.” (op. cit., p. 132).

Para lidar com dramas humanos cuja origem não se encontra na natureza, mas no consciente, como por exemplo o sentimento da *culpa*, Freud lançou mão das hipóteses antropológicas anteriormente citadas, considerando que a origem da “culpa” teve início numa espécie de “clã” primitivo (semelhante ao proposto por Darwin) formado a partir de um parricídio dos filhos homens que tomaram as esposas do pai opressor e tirano – as esposas do pai foram posteriormente abandonadas, na trama freudiana. Tal evento era comemorado num banquete “totêmico” donde, precisamente, nasceria a “consciência da culpa” que Freud denominou ser o equivalente ao “pecado original” proposto por sua religião étnica, evidenciando que as considerações freudianas acerca de Deus, da religião e da natureza humana, são eivadas de

¹Freud, 1923-1925, p. 67, 237, 319; KENNY, 2015, p. 4.

semelhanças e “empréstimos” aos relatos da obra mosaica do Gênesis. Por conseguinte, o conceito de “Deus” para Freud teria se originado nessa suposta trama parricida, onde, nas palavras de Freud: “Depois de abandonado o animal totêmico como sucedâneo do pai, o próprio temido e odiado, venerado e invejado pai primordial tornou-se o protótipo de Deus.” (op. cit., p. 133).

Segundo Freud, as pessoas que acreditavam na existência de algum poder sobrenatural (ao qual ele atribuía vários substantivos, tanto de antigas religiões quanto da filosofia como “Deus, ‘Destino’, ‘Razão e Necessidade’ ou ‘Providência’) cuja pseudo influência poderia de alguma maneira influenciar a vida humana, teriam “herdado”, por assim dizer, sua “fé” por meio de sua ligação parental, de seus pais estando ainda a estes ligados por “laços libidinais” (op. cit., p. 176). Freud entendia que o conceito monoteísta em sua essência seria um fenômeno desenvolvido no estágio de “latência” da humanidade, tendo sua origem histórica possivelmente na Ásia, alcançando o Egito na época do faraó egípcio “monoteísta” Akhenaten (c. séc. XIV a.C.) que teria sido uma espécie de “mestre” de Moisés, o qual, adotando o povo judeu como seu povo, o tirou do Egito e iniciou uma nação com uma teologia monoteísta mais desenvolvida e rígida que Akhenaten. Freud baseou-se também na teoria de Darwin e Atkinson, ambos naturalistas. A religião seria, na perspectiva de Freud, uma consequência da sua hipótese acerca de Deus. Contudo, reportando-se à hipótese aqui citada, Freud concluiu: “Aceitemos ou não como fato histórico essa possibilidade, a formação da religião estava assim colocada no terreno do complexo relativo ao pai e edificada sobre a ambivalência que o domina.” (FREUD, 1937-1939, p. 39,46,52).

Concernente a *religião* e sua relação aos *valores morais*, Freud defendia que elas originaram-se “filogeneticamente no complexo paterno” produzindo ou gerando a religião e as regras éticas com a proeminência do homem, do macho, em detrimento à mulher, a fêmea. Para ele essa dinâmica da “gênese” ética e moral, repetem-se no âmbito da superestrutura de cada indivíduo. Freud, contudo, confessou abrigar *dúvidas* e *inconsistências* em sua crença acerca da relação entre a *religião* e os *valores morais*.

“Religião, moral e sentimento social — os conteúdos principais do que é elevado no ser humano — foram originalmente uma só coisa. Segundo a hipótese de Totem e tabu, foram adquiridos filogeneticamente no complexo paterno; religião e limitação ética, pelo domínio sobre o complexo de Édipo mesmo; os sentimentos sociais, pela obrigação de superar a rivalidade restante entre os membros da nova geração. Em todas essas conquistas éticas o sexo masculino parece ter tomado a frente; a herança cruzada levou esse patrimônio também às mulheres. Ainda hoje os sentimentos sociais nascem, no indivíduo, como uma superestrutura sobre os impulsos de ciúme e rivalidade contra os irmãos. Como a hostilidade não pode ser satisfeita, ocorre uma identificação com o inimigo inicial.” [...] “Entretanto, com a menção da filogênese aparecem novos problemas, aos quais hesitaríamos em oferecer resposta. Mas não há saída, é preciso arriscar, ainda que receando que isso ponha à mostra a insuficiência de todo o nosso esforço. A questão é: Foi o Eu ou o Id do homem primitivo que naquele tempo adquiriu religião e moralidade do complexo paterno? Se foi o Eu, por que não falamos simplesmente de uma transmissão hereditária no Eu? Se foi o Id, como se harmoniza isso com o caráter do Id? Ou não se pode estender a diferenciação de Eu, Super-eu e Id a uma época tão remota? Ou deve-se francamente admitir que toda esta concepção dos processos do Eu em nada contribui para o entendimento da filogênese e não é aplicável a esta?” (Freud, 1923-1925, p. 34,35).

Freud, num “ato falho” ou ironicamente, recorreu a “Deus” ao concluir que o inconsciente existente no próprio ego seria algo inexplicável e talvez até intangível: “continua certo que todo reprimido é lcs, mas nem todo lcs é também reprimido. Também uma parte do Eu — e sabe Deus quão importante é ela[...]” (op. cit., p. 15). Ao mesmo tempo em que Freud afirmou que a religião seria uma “neurose obsessiva universal”, sendo os ritos religiosos semelhantes aos atos obsessivos, ele confessou desconhecer a correlação mais profunda entre ambas (religião e neurose) (Freud, 1923-1925, p. 130; 1937-1939, p. 34).

A arqueologia *moderna* comprova o relato bíblico segundo o qual o início da *primeira* religião *idolátrica*, deu-se após o Dilúvio (c. 2300 a. C.) com *aumento exponencial* ao longo da história. Tabletes cuneiformes escavados em *Ereque* citam *dois* deuses adorados, enquanto tabletes posteriores registram de três a cinco, chegando a 750 deuses, enquanto o panteão idólatra mesopotâmico em c. de 2000 a.C. somava cerca de 5.000 (Gn 11 – 35; SILVA 2021, p. 1635; MARK 2018). Pfister, citando Andrew lang, Vierkandt, Edward Lehmann e Preuss, defendia a *origem* da religião, *não* no animismo, mas como um *resultado* da atividade da *magia* (PFISTER, 1923, p. 330).

2. Neuroses: principais causas, sintomas, terapia e cura

“*Neurose*” é um termo cunhado por William Cullen, médico escocês do séc. 18 d.C. que a considerava como tendo origem *orgânica*. Sob a ótica *psicanalítica* a neurose é uma *psicopatia*, obviamente de origem *psíquica* e não necessariamente nervosa, cuja origem pode remontar a algum tipo de *trauma* não resolvido ocorrido na infância, inclusive num *sentimento* de inferioridade adquirido nesse período. Moreira e Oliveira, corroborando o período da infância como um período potencial para a “gestação” de neuróticos afirmam: “Parecem ser de grande importância os modelos de identificação a que a criança tenha sido exposta durante a vida e os conflitos psicológicos, conscientes e inconscientes, que tenha enfrentado.” (IBPC, Curso de Formação em Psicanálise, Psicopatias I, p. 8; MOREIRA FILHO, OLIVEIRA, 2022).

Freud considerava as neuroses como uma reação *defensiva* humana manifestada quando acometida por *ideias* ou *expectativas* insuportáveis. Sob tal estado, o acometido pelo temor do que considera algo prejudicial, empreende-se numa fuga *mental* da realidade, a fim de evitar a dor ou o sofrimento. Segundo Freud, “A neurose é a incapacidade de suportar a ambiguidade” (<https://www.psicanaliseclinica.com/narcisismo-na-psicanalise/>, acesso em outubro/22).

A neurose não causa a paralisação física nem produz algum impedimento mental no paciente, podendo manifestar-se pelas “fobias, obsessões e compulsões, alguma depressão e amnésia”, angústias e histerias. Quando o conflito é de natureza “anímica”, a neurose revela-se na compulsão de se atribuir a objetos ou coisas inanimadas, influência animada que, para o neurótico, deve ser evitada organizando-se as coisas que, em sua “realidade” podem causar-lhe algum mal se não estiverem em determinada ordem (IBPS, 2020-2021, v.3.01, p. 5,6,8; MOREIRA FILHO, OLIVEIRA, 2022).

O uso de medicamentos barbitúricos também podem causar sintomas psicóticos e, atualmente, o termo “neurose” *não* é incluído na classificação de doenças do espectro *mental*, mas sim concebido como o conceito de “distúrbios neuróticos” como a “falta de ar”, palpitações, tremores, taquicardia e sudorese que são considerados como estados de apreensão e incertezas factuais ou não acerca do futuro. A afecção “neurose” deixou de existir, passando a ser identificada

como “transtornos” pelo DSM IV devido às suas muitas e variadas manifestações quais sejam: “transtorno fóbico-ansioso, transtorno obsessivo-compulsivo (que passou a ser conhecido como TOC), transtorno dissociativo (de conversão), transtorno somatoforme, distimia e determinados tipos de depressão, e neurastenia.” Segundo Moreira Filho e Oliveira, o principal tratamento da neurose é realizado principalmente pela psicoterapia e por medicamentos tranquilizantes e antidepressivos (IBPS, 2020-2021, MOREIRA FILHO, OLIVEIRA, 2022).

3. Primeiro registro *histórico* de sintomas “neuróticos” e sua aparente ligação ao afastamento humano de Deus

A Bíblia é o livro sagrado das três maiores religiões do planeta: o cristianismo, o islamismo e o judaísmo. Apesar de o Alcorão ser o principal livro da confissão islâmica, o islã considera o Gênesis como um livro sagrado:

“O Alcorão reconta as histórias de muitos personagens e eventos de livros religiosos cristãos e judaicos (Bíblia, Torá), embora os detalhes muitas vezes sejam diferentes. Tais figuras bíblicas bem conhecidas como Adão, Noé, Abraão, Moisés e Jesus são mencionadas no Alcorão como os Profetas do Islã (Monoteísmo). (de Deus, palavras; Library, Arabic Digital. O Sagrado Alcorão: A tradução portuguesa mais precisa do Alcorão, p. 2, Edição do Kindle).

De acordo com o site “Visual Capitalist”, quase 90% da população mundial declara-se religiosa, sendo a *fé cristã* majoritária, especialmente nas américas, Europa, Ásia russa, e centro sul africano². Ante tal evidência do valor e impacto da fé e da relação com Deus para o ser humano, desconsiderar o envolvimento do analisando com sua fé e/ou seu conceito acerca de Deus seria desprezar um fator importantíssimo que, bem ou mal, influenciaria sua *psiquê*. Considerando-se ainda que as duas maiores confissões religiosas do globo são o *cristianismo* e o *islamismo*, ambos convergindo sua base de fé em maior ou menor grau para a Bíblia Sagrada, ignorar seus *ensinos*, *preceitos* e *relatos históricos* bem como seu impacto prático no dia a dia dos seus seguidores, poderia resultar na *ausência* de informações potencialmente *contributivas* para o tratamento psicanalítico.

Com o propósito de corroborar a contribuição do Bíblia Sagrada analisaremos o evento histórico envolvendo a primeira família humana e sua relação com Deus, bem como o primeiro registro histórico de sintomas neuróticos devidos possivelmente à uma ruptura na relação da criatura com o Deus Criador.

Sob a ótica da *antropologia bíblica*, todo ser humano é uma criatura *teoreferencial*, ou seja, o conceito do ser humano, de sua *personalidade* e *caráter*, tem seu *referencial* básico em

²<https://www.visualcapitalist.com/mapped-major-religions-of-the-world/>.

Deus seu criador, tendo em vista o relato em Gênesis afirmar: “E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; [...]E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. [...] Então disse o Senhor Deus: Eis que o homem é como um de nós, sabendo o bem e o mal.” (Gn 1.26,27; 3.22, ACF). Freud negou o referencial *mosaico* e o *substituiu* por um conceito *darwinista* sobre o qual construiu suas premissas e, por conseguinte, *destituiu o analisando* de sua origem e dignidade divinas, rebaixando-o ao nível *animalesco*. Desse modo, conforme entendemos, criou-se um *óbice* à *eficácia* terapêutica psicanalítica, tendo em vista que, devido ao seu *teoreferencial* humano, o analisando dependeria de Deus para *compreender* quem *essencialmente* é e, assim, poder viver com um propósito *maior* e mais *sublime* num mundo repleto de aflições externas e internas, físicas e psíquicas.

A narrativa *histórica* da Escritura *judaico-cristã* provê à humanidade uma visão *holística* do seu cosmo, provendo-lhe informações não apenas de sua *origem divina*, como também sua *dignidade* inerentemente *celestial*, dando sentido ao entendimento de conceitos existentes naturalmente em cada pessoa humana procurando definições *adequadas*, objetivas e *precisas* acerca do *certo* e do *errado*, do bem e do mal, do pecado, da culpa, assim como também do *perdão* dado e recebido, do *presente* efêmero e de um *futuro* perene que refletirá seu modo de viver conforme sua relação com Deus e com o próximo, seja bom ou mal. Todos esses conceitos são abordados nos quatro primeiros capítulos do livro do Gênesis e ampliados e exemplificados em suas páginas seguinte até o último livro, o Apocalipse.

A fim de demonstrarmos como tais conceitos são descritos em Gênesis, lançaremos mão do relato registrado nos respectivos capítulos, ao mesmo tempo em que *aplicaremos* a narrativa bíblica aos conceitos formatados por Freud³ mormente quanto à *causa* e tratamento da neurose humana.

³Freud cria que as neuroses originaram-se nos primeiros rituais pagãos e seus tabus criados (KENNY, 2017, p. 58, 61).

3.1 Origem das instâncias psíquicas em Moisés e Paulo

O relato mosaico em Gênesis descreve um Deus Criador *plural* e ao mesmo tempo *único*, constituindo-se no principal *paradoxo* bíblico que a teologia cristã denomina de “Trindade”, nome especialmente cunhado a partir do relato bíblico e, precisamente devido a ele. A pluralidade divina, segundo os cristãos, é *refletida* no ser humano em sua *tripla* identidade a qual, segundo Freud seria um tópico *composto* pela *tríade* do *Inconsciente*, *Pré-consciente* e *Consciente* e de uma correspondente estrutura *tríade* composta pelo *Id*, *Ego* e *Superego*. Apesar de ser um modelo *tríplo*, são, contudo, *unos*, diferenciando-se por atividades *próprias* e *complementares*. Tal modelo encontra no relato *bíblico* uma melhor *explicação* e *compreensão* histórica do que no conceito humano *darwiniano* que nivela tudo ao fenômeno *natural* – *incontestavelmente* a tese das estruturas *psíquicas* não pode ter a explicação de sua origem e dinâmica claramente *dependente*, *harmoniosa* e *complementar* num fenômeno essencialmente *natural* e *caótico*.

As duas tópicas⁴ propostas por Freud são formadas pela junção econômica topográfica do *Inconsciente*, *Pré-consciente* e *Consciente* com a estrutura dinâmica do *Id*, *Ego* e *Superego* coexistindo e relacionando-se como parte *essencial* do ser humano, de sua psiquê⁵. O *Id* existe e atua no *inconsciente*, demandando a satisfação de seus desejos mediados pelo *Ego*, que atua na *pré-consciência*, interagindo com a consciência que abriga o *Superego*, responsável final pelas ações do ser humano que refletem toda a complexa dinâmica das duas tópicas. Apesar dessa *inevitável* e *necessária* coexistência existe um evidente *conflito* gerado na psiquê humana e materializado em ações *incoerentes* e, na maioria das vezes, *prejudiciais*.

Sob o ponto de vista teológico-cristão poder-se-ia inferir que no conceito freudiano o ser humano seria uma criatura *una* e ao mesmo tempo *trina*, sendo, por consequência *triúna*, refletindo a imagem e semelhança do *Deus triúno judaico-cristão* que a criou. Esse ser tripartite é destacado nas seguintes afirmações constantes na epístola de Paulo aos romanos: “eu sou

⁴A transcrição que segue é parcialmente oriunda da redação do autor deste trabalho apresentada ao IBPC durante sua formação psicanalítica quando discorreu a respeito de algumas convergências entre o conceito do apóstolo Paulo acerca da estrutura humana descrita no capítulo sete de sua obra “aos romanos” e os modelos Topográfico e Estrutural de Freud.

⁵Termo grego que significa *alma*, *vida* e, alhures, sinônimo de “espírito”.

carnal”, “o homem (*ánthropos*) interior” e “meu entendimento (*noós*)” (Rm 7.14,22,23, ACF, 2011). Paulo afirma que há um *conflito* constante entre o que o ser humano “Paulo” *desejava* e o que ele, de fato, *realizava*. Paulo diz que tal conflito é uma “lei⁶, princípio” que atua em seus *membros* em oposição ativa à uma “outra⁷” lei que atua em sua *mente*. O apóstolo então conclui que em seu “*homem interior*” e em seu “*entendimento*” ele tem prazer⁸ na “Lei de Deus”, enquanto, em sua *carne*, ele se *contradiz*, servindo à “Lei do Pecado”⁹.

Confrontando-se os conceitos de Freud, evidentemente *posteriores* aos de Paulo, encontramos as seguintes *analogias* entre a teoria da primeira e segunda tópicos daquele com o conflito pessoal desse último: o “*Id*” seria o “*ser carnal*”, dominado pelas paixões hedonistas irrefreadas ansiosas por serem satisfeitas a quaisquer custo; o “*Ego*” seria o “*homem interior*”, o *árbitro* que pesa a legitimidade, a coerência e a dignidade das demandas carnis abrigadas no “*Superego*” que seria o “*entendimento*” humano no qual entesoura-se um volume incalculável de valores bons ou maus, cristãos ou não cristãos.

O “brado” paulino evidencia uma tremenda *frustração* consigo mesmo face aos fracassos de suas ações *incoerentes* e *inevitáveis*: “Miserável homem que eu sou!” (Rm 7.24, ACF, 2011). Nesse sentido vê-se que o desequilíbrio entre as demandas irrefreadas do *Id* e os valores aprovados e satisfatórios aos *Superego* que não podem ser conciliados entre ambos pelo *Ego*, tornam a vida *humana* um tormento. Para o atormentado apóstolo, contudo, a solução está em Jesus Cristo que, de um modo desconhecido em sua *dinâmica*, mas comprovado em sua *prática*, traz paz e equilíbrio aos dois modelos da psiquê humana: “Dou graças a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor” (Rm 7.25, ACF, 2011).

Há então um evidente *diálogo* entre a *antropologia cristã* e *parte* da *antropologia freudiana* relativamente à sua teoria das duas tópicos. Isto, em nossa opinião, é uma ótima constatação tendo

⁶Do grego “*nomos*”: norma, estatuto.

⁷Do grego “*éteros*”: diferente.

⁸Do grego “*sinédomai*”: desejo, necessidade.

⁹Resumimos aqui o conceito da “*Lei do Pecado*” como a *dinâmica da pulsão humana* na quebra dos limites morais neles imputados por Deus.

em vista que os modelos tópicos freudianos no nosso entender são a base onde estacam-se sua área de pesquisa e estudo sendo igualmente a fonte donde fluem as identificações dos conflitos mentais e somáticos humanos que são o objeto da aplicação e atuação “terapêutica” da Psicanálise.

3.2 *Análise comportamental de Adão e Eva e a possível identificação da origem das neuroses humanas*

A Bíblia relata a criação de um homem e uma mulher criados por um Deus que observa, fala, avalia e interage com sua criação humana. Segundo a citada obra, o primeiro humano, Adão, foi feito a partir do barro e *foi feito* ser humano a partir do sopro *divino* em suas narinas, criado, portanto, já um ser adulto, pensante, falante e social com um formato que *amalgama* a natureza terrena com a natureza divina, espiritual, sobrenatural. A criação da primeira mulher, Eva, diferenciou-se em seu *modo*, mas não em sua *essência*, havendo ela sido criada a partir de uma das costelas de Adão, evidentemente capaz de falar, pensar e interagir, assim como Adão. Ambos foram criados *adultos* com maturidade *intelectual* e *psicológica* e com conceitos relativos ao *bem* e ao *mal*, ao cosmo *terreno* e ao *espiritual*, à vida e à morte, assim como a certeza de que o *bem-estar* humano dependeria da *boa relação com Deus* evidenciada pela proibição de se comer o fruto da árvore¹⁰ do conhecimento do bem e do mal:

“E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente [...] E ordenou o Senhor Deus ao homem, dizendo: De toda a árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás. [...] E da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher, e trouxe-a a Adão.” (Gn 2.7,16,17,22).

¹⁰A árvore nada tinha de *prejudicial* em sua *natureza*, sendo apenas um referencial de *submissão* à ordem divina (MARACAIPE, 2018, p. 45).

3.3 O conceito *errôneo* acerca de Deus e da sua relação com o humano: a *causa* de todas as neuroses?

A neurose humana com suas múltiplas facetas revela-se a partir do terceiro capítulo do Gênesis quando, tanto Adão quanto Eva, decidem *desobedecer* a ordem divina comendo do fruto da árvore proibida¹¹. A questão que levantamos aqui pretende conduzir-nos à uma análise baseada no relato bíblico primordial que identificaria o “gatilho” que levou inicialmente *Eva* a desobedecer ao seu Criador. O texto afirma que o Satanás,¹² um ser *espiritual extraterrestre*, opositor a Deus, iniciou um diálogo com Eva *propositadamente* citando o *mandamento* dado pelo Criador, em forma de um *pergunta*¹³, na qual, contudo, acrescentara uma *restrição* através do substantivo “*toda*”, *invertendo a ampla liberdade* para comer de *toda* a árvore do Jardim, convertendo-a numa *restrição total*. Ante à resposta de Eva, onde esta também *acrescentara* uma *restrição não exigida* por Deus¹⁴, Satanás logo em seguida acusaria Deus de ser um *manipulador mentiroso* movido pela *inveja* que impedia a felicidade e evolução humana quanto à capacidade de tornar-se um ser *imortal* “como Deus, sabendo o bem e o mal”:

“[...] E esta disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda a árvore do jardim? E disse a mulher à serpente: Do fruto das árvores do jardim comeremos, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele, nem nele tocareis para que não morrais. Então a serpente disse à mulher: Certamente não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal.” (Gn 3.1-5, ACF, 2011).

Eva, *enganada* pelo discurso *caluniador* do Diabo, foi *impulsionada* pelo desejo *impossível* de ser imortal, onisciente e autônoma *como* seu Criador. Assim, *convencida* que

¹¹O conceito segundo o qual o “fruto proibido” seria uma metonímia da relação sexual não encontra fundamento no relato bíblico tendo em vista que o próprio Deus criou ambos, homem e mulher, com seus respectivos órgãos sexuais adequadamente adaptados um ao outro, além dos hormônios também sexuais, abençoando-os e instruindo-lhes a multiplicarem-se sexualmente e, por fim, provendo-lhes do incomparável prazer sexual.

¹²Do hebraico “*satan*” que significa “inimigo, opositor” tendo seu correlato grego “*diábolos*” de igual significado hebraico. O livro do Apocalipse revela que a serpente no Éden era o *Satanás* (Ap 12.9).

¹³Assim como o Diabo iniciou um diálogo com Eva a partir de uma *pergunta*, do mesmo modo, Deus iniciou o diálogo com ambos utilizando-se de perguntas logo após a transgressão de ambos, conforme abordaremos aqui.

¹⁴“nem nele tocareis” (Gn 3.3, ACF, 2011).

Deus não seria (conforme ela *vivenciara*), um Deus amoroso, mas sim um ser mesquinho e um desonesto impedidor da felicidade humana, Eva decidiu desobedecê-lo como uma prova e sinal de sua “*libertação*”. Precisamente esse ato da busca de uma autonomia quimérica¹⁵ causou o terrível dano à alma e espírito humanos tendo em vista sua essência *teoreferencial* revelada principalmente em sua *religiosidade*, um hábito ímpar e exclusivo que destaca e eleva a humanidade acima e além da demais criaturas *terrenas*.

Logo após a desobediência humana e subsequente ruptura com a boa relação com o Criador, são descritos os sintomas neuróticos que ainda hoje assolam cada ser humano com suas ambiguidades e incertezas: relatam-se o *medo*, a convicção da *culpa* e *isolamento* (de *Deus* e *entre ambos*) como claros mecanismos de defesas manifestados por Adão e Eva – *ele* culpando o Criador pela desobediência da esposa e *ela* isentando-se do dolo da desobediência, vitimando-se perante Deus em relação à serpente (Gn 3.1-13, ACF, 2011). Relativamente ao interesse e importância do conhecimento acerca da *origem* da culpa inconsciente humana, Feud escreveu:

“Theodor Reik e o etnólogo Geza Róheim retomaram as ideias de Totem e tabu e as desenvolveram, aprofundaram ou corrigiram numa série de trabalhos de valor. Eu próprio retornei a elas algumas vezes, em investigações sobre o “sentimento de culpa inconsciente”, de grande importância entre os motivos do sofrimento neurótico, e em esforços para relacionar mais estreitamente a psicologia social à psicologia do indivíduo (O Eu e o Id [1923], Psicologia das massas e análise do Eu [1921]). Também recorri à herança arcaica do tempo da horda humana primordial para explicar a suscetibilidade à hipnose.” (Freud, 1923-1925, p. 133).

Desperta-nos a atenção a questão de a transgressão à *primeira* ordem relatada em Gênesis (“*não comerás*”) quando comparada com os alguns pecados, transgressões, crimes e males semelhantes, aparenta ser muito *irrelevante* e até mesmo “infantil” pois, o que haveria de mais no *comer* de um fruto que o próprio Deus criou e o pôs ao alcance do humano, não o fazendo venenoso, mas “apenas” alertando-os acerca da consequência do comer e, ainda, plantando a árvore proscrita ao *alcance* de quaisquer um deles e de seus descendentes.

¹⁵Impossível tendo em vista o ser humano depender de tudo quanto há ao seu redor.

Essa questão possivelmente poderia ser resumida em *duas* palavras *correlacionadas*: “*autoridade*” versus “*autonomia*”. É evidente que o relato bíblico descreve o humano como uma criatura de grande autoridade, tendo em vista o Criador dar-lhe poder sobre toda a criação terrena. Entrementes, tal autoridade sobre todo o planeta, esbarrava-se em apenas uma *única* árvore a qual, tendo seu fruto comido, levaria o transgressor a experimentar a morte, ou o processo da corrupção física (e *indubitavelmente* moral). Por que aquela “*simples*” desobediência trouxe à humanidade tamanha desgraça?

A resposta, cremos, está no conceito da “*autonomia*”, pois apesar de possuímos *autoridade*, não somos, enquanto criaturas de origem divina, seres em nenhuma hipótese ou consideração, *autônomos* do Criador. A outra evidência da dependência humana a Deus, é que, o humano, para continuar vivendo *bem* consigo mesmo e com Deus, dependeria do acesso ao fruto da árvore da vida, cuja digestão dependeria da abstinência do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. O que se constata é que a *desobediência* dos pais humanos não logrou benefício algum ao ser humano, se não *males* e *dores* físicas, morais e psíquicas.

A autonomia *feminina* prejudicou-lhe em seus anseios naturais *básicos*, como o desejo de ser amada, respeitada e honrada pelo marido e filhos os quais, desde a “*queda*” trouxeram-lhes decepções, angústias e neuroses. Semelhantemente o homem, criado fisicamente mais robusto para ser o protetor e provedor, passaria a sofrer decepções em sua missão terrena por todo a vida, experimentando, sob diferentes aspectos, sofrimentos similares aos da mulher (Gn 3.17-19, ACF, 2011). É inegável que tais sofrimentos são *atuais* e identificados ao longo da história, apesar de serem escritos há pelo menos três mil e quinhentos anos.

4. Um modelo divino de “Psicanálise” revelado no Éden

Um dos objetivos da psicanálise é a propositura de soluções dos transtornos humanos por meio de: “[...] aconselhamentos e orientação de decisões, baseadas em técnicas específicas para cada situação.”¹⁶ Nesse sentido, a solução divina sugerida é, em certo sentido, “*paliativa*”, tendo em vista que não há uma promessa ou “receita” específica para uma cura *absoluta* ou total dos males humanos, sejam físicos, mentais ou espirituais¹⁷. Reportando-nos novamente ao ocorrido com Adão e Eva, focaremos aqui a postura do Criador no lidar com as neuroses do primeiro casal. Importante salientar que a postura divina do trato com a *fuga* do primeiro casal foi o do *questionamento*, da *pergunta*, com o óbvio intuito de fazê-los *refletirem* acerca do estado onde se encontravam em relação a Ele (o Criador), bem refletiram concernente à *origem* da neurose de cada um, além do questionamento da *motivação* ou da “*pulsão*” que os levara à transgressão. Nesse intuito, descrevemos a seguir nossas considerações.

4.1 Primeira pergunta divina e a origem do *medo*

Assumindo-se que Deus é *onisciente*, ele sabia de *tudo* o que acontecera com Adão e Eva, incluindo o *conteúdo* da *conversa* e as reais *razões* que levaram o casal à transgressão ao seu *único* mandamento, deduzimos que ele *deliberou* não impedir as ações de ambos porquanto eram *responsáveis* por suas escolhas, *livres* em seu arbítrio e *côncios* das consequências. A “*visita*” do Criador tinha *provavelmente* um objetivo específico: o de *confrontar* suas criaturas a respeito da rebelião em andamento. Como o justo juiz, Deus dava a chance de defesa ao *casal*.

Logo de início Deus pergunta a Adão *onde* ele estava: “E chamou o Senhor Deus a Adão, e disse-lhe: onde estás?” (Gn 3.9, ACF, 2011). Reputando-se que Deus *já sabia* onde Adão estava, a pergunta *não* seria retórica, mas *reflexiva*, a fim de levar o homem a *considerar* a *razão* do distanciamento do Criador. Ambos estavam distantes Dele e o problema *não* estava no bondoso Deus caluniado pelo Diabo, mas o distúrbio estava nas *criaturas* feitas à

¹⁶<https://www.psicanaliseclinica.com/o-que-faz-um-psicanalista/> acesso em outubro/2022.

¹⁷De fato, a área que trata da cura *perene* para *todos* os males humanos é assunto para “*escatologia*”, ramo teológico que ocupa-se acerca dos eventos futuros e eternos, os quais não abordaremos aqui.

semelhança divina, unidos e abençoados em tudo e com tudo o que necessitavam. Deus não mudara, mas o humano sim, e mudara para pior. Houve um regressão humana. A pergunta divina então aponta para o cerne do problema humano: seu afastamento do Deus que o ama e o busca no estado onde Ele se encontra. Tal ação divina contrasta com o conceito majoritário de um Deus alheio e distante da criatura humana.

Adão respondeu a Deus que estava nu e temeroso do Criador: “[...] ouvi a tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me” (Gn 3.10, ACF, 2011). Ora, o próprio Deus criara o primeiro casal nu, não requerendo nenhuma cobertura. O pai da humanidade então revelou um problema psíquico, não físico. Houve uma desarranjo em seu consciente que o levou a um sentimento de vergonha e culpa por sua natural nudez. O que ocorreu no consciente de ambos obviamente foi um dano que tirou-lhes a inocência da nudez perante Deus imputando-lhes o senso da culpa revelado no senso da própria nudez que não era, pelo menos naquele momento, uma transgressão a um mandamento de Deus. Naquele evento histórico temos o primeiro sintoma do que na psicanálise identifica-se como “mecanismo de defesa” manifestada através de um meio claramente inócuo e irracional, que foi a tentativa de esconder de Deus a nudez através da confecção de uma cobertura de folhas – ação que, ao contrário de favorecer o casal transgressor, os denunciava. O ato da repressão é claramente observado em ambos notadamente pelos “freios emocionais poderosos” do pudor e da vergonha¹⁸.

Ambos, Adão e Eva, descobriram-se nus e temeram ser encontrados por Deus em tal estado apesar de haverem sido criados e abençoados pelo criador ainda no estado da nudez. Além disso, igual temor apossou-se de ambos concomitantemente e, aparentemente imediatamente após a transgressão. O sentimento de que a nudez os denunciaria a Deus foi experimentado por ambos com tal intensidade que buscaram incontinenti tecer uma frágil vestimenta para não serem encontrados nus. A cobertura de folhas foi um mecanismo de defesa evidentemente irracional e infantil considerando-se sua óbvia inutilidade, supondo-se, por conseguinte, que a “ordem” para tal ação tenha se originado do inconsciente, do Id, com

¹⁸IBPC, Módulo 10, p. 21.

tal *intensidade* que sequer foi analisada pelas instâncias posteriores do Ego e do Superego. O Criador *corroborou* a necessidade da cobertura da nudez humana ao *prover* vestimentas mais *adequadas* e *duráveis*, confeccionadas da pele de um *animal*, evidenciando um ato da *graça* de Deus que, ao invés de os matar como prometera, matou possivelmente *dois* animais para vesti-los e, desse modo, *apaziguou* o medo que sentiam provendo-lhes uma *mensagem* de misericórdia, perdão e reconciliação. O casal que conhecera o *amor* de Deus expresso na *perfeita* criação, *após* a transgressão conhecera a *graça* de Deus expressa no *perdão*.

O relato mosaico, portanto, revela a *origem* do medo¹⁹ como sendo um sentimento gerado como *consequência* de uma transgressão ao mandamento *objetivo* de Deus perpetrada pelos *pais* do gênero humano e legado à alma de *todas* as gerações, haja vista ser o medo, um sentimento universal, atemporal e, em sua maioria, *irracional*, apesar de sua realidade. A Escritura Sagrada ao longo de sua escrita, aprofunda-se na questão do medo humano definindo-o como o *resultado* da *culpa* que, por sua vez, é oriunda da *desobediência* ao Criador, *desobediência* esta, que exige, da parte de Deus, o julgamento do transgressor:

“Nisto é perfeito o amor para conosco, para que no dia do juízo tenhamos confiança; porque, qual ele é, somos nós também neste mundo. No amor não há temor, antes o perfeito amor lança fora o temor; porque o temor tem consigo a pena [do grego punição], e o que teme não é perfeito em amor.”²⁰

A culpa humana que teve início na transgressão de Adão, de algum modo desconhecido aos humanos, é transmitida à consciência de todas as gerações levando todos os humanos a naturalmente evitarem relacionar-se com Deus – o texto bíblico destaca que Deus que busca o culpado, e não o contrário. Os pecados cometidos ao longo da vida agravam a convicção da culpa e sobrecarrega a consciência do transgressor até que seja expiada (Ed 9.15; 10.10; Pv 16.6; 21.8).

¹⁹O medo, segundo a Escritura Sagrada, é também um recurso de defesa humana, no sentido de servir como um alerta contra um perigo iminente, sendo, em certo sentido, um sinônimo de prudência: “O prudente vê o mal, e logo esconde-se; mas os simplórios avançam e sofrem a pena.” (Pv 22.3).

²⁰1 Jo 3.17,18; Ed 9.15; ACF, 2011.

Além de definir a origem do medo, a mesma Escritura apresenta sua *cura* real revelando-a como o *caminho inverso* (conversão) da sua *origem*, ou seja, a necessidade da *reconciliação* com Deus contra qual pecamos, cujo juízo tememos *inconscientemente*.

Concluimos diante do exposto, que o analisando *necessita* ser conduzido à reflexão acerca do “*onde se encontra*” em relação ao *Criador*, a fim de que o paciente descubra-se “*nu*”, *distante* e *culpado* diante de Deus, mas que, ao mesmo tempo, descubra-se *buscado* pelo mesmo Deus que traz, não a *condenação*, mas uma mensagem de uma *esperança* maior, perfeita e amorosa, revelando assim, o *Criador* que importa-se com seu estado deprimente e medroso. Como dito, a queda, por pior que fora, revelou uma parte do amor²¹ que o humano desconhecia de Deus e que carece conhecer: a sua *graça* acolhedora e perdoadora. Nesse sentido Pfister afirmou:

“[A] Análise [cristã] dissipa falsos valores assim como o sol dissipa a névoa ao mesmo tempo em que estabelece valores verdadeiros sob um firme fundamento. Por conseguinte, tanto a cristandade quanto a psicanálise quando semeiam nada além da verdade e do amor, tornam-se confiáveis associados. [...] A aparentemente óbvia doutrina do amor de Jesus com sua divisão tríade do amor – o divino, o humano e o auto – é na realidade a descoberta mais intrincada e profunda que supera todas as grandes conquistas da arte, da filosofia e da profecia” (PFISTER, 1923, p. 328, 329).

4.2 Segunda pergunta divina e a *causa* do medo

A segunda pergunta “analítica” divina tem um caráter *duplo* e resulta da *resposta* à primeira: “[...] quem te mostrou que estavas nu? Comeste tu da árvore de que te ordenei que não comesses?” (Gn 3.11, ACF, 2011). Cremos que o propósito desta pergunta tenha sido o de *conduzir* Adão a analisar a *origem* do seu *senso* de nudez, tendo em vista o estar *nu* não haver sido uma proibição divina.²² Adão novamente recorre à *defesa* com *dois subterfúgios*: primeiramente ele *ignora* a objetividade da pergunta não a respondendo e, numa segunda *defesa*, *transfere* indiretamente a responsabilidade da transgressão tanto para *Deus* quanto para *Eva*, pois aquele, de fato à criara, enquanto esta última, realmente levara o fruto para que ele

²¹Freud considerava o conceito do “amor” inerente ao conceito do “sexo” (MENG; FREUD, p. 16, 1, 1909, 1923).

²²O “não comer” da árvore, sim, foi uma (e única) restrição.

comesse. Apesar da *verdade* dita por Adão, ele novamente *esquivou-se* de responder a Deus, demonstrando, *inconsciente e irracionalmente*, o desejo de manter *encoberta* a verdade do Criador que sem dúvida a conhecia.

Sem resposta objetiva à segunda pergunta, Jeová²³ encerra o “interrogatório” com Adão tendo em vista este não responder *objetivamente* a nenhuma delas. Ante à postura *evasiva* de Adão, Deus cessa de questioná-lo, talvez por ter esgotado as perguntas mais *relevantes e necessárias* à sua possível restauração. Quiçá seja o caso em que um analista conclua que o analisando não tem *disposição* para encarar sincera e empiricamente a origem do seu medo tendo em vista a postura da “*surdez emocional*”²⁴ aparentemente manifestada em Adão.

Com a segunda pergunta reflexiva, entendemos que o caminho para uma psicanálise *reconciliadora*, deveria contemplar perguntas que conduzam o analisando a refletir a respeito, tanto da *causa* quanto do *sujeito* do seu senso de culpa (no caso de Adão a sua nudez) que convergem para um *único* responsável: o próprio transgressor que evidentemente *padece* do sentimento de culpa. Se existe a culpa, por conseguinte, é porque houve uma transgressão, um crime, uma falha objetiva, real e histórica que o analisando *precisa* identificar para o seu próprio bem. Aventamos a possibilidade de haver o *sentimento* ou até a *certeza* da culpa *sem* haver uma contrapartida de uma transgressão *real*, como se vê no caso aqui analisado, quando Adão *maliciosamente* tentou transferir para *duas* pessoas sua transgressão. Caberá ao psicanalista discernir, por meio das próprias perguntas, se está diante dele um culpado *inconteste* ou uma *vítima* de transferência da transgressão.

²³Usamos aqui o substantivo próprio “Jeová” como uma transliteração do “tetragrama santo” hebraico “יהוה” podendo ser transliterado como “YAWE”, “JAVE”, “YEHOWA” ou “JEOVÁ”.

²⁴IBPC, Módulo 10, p. 35.

4.3 Terceira pergunta analítica e a *confissão*

Este terceiro “tomo” de perguntas é dirigido à Eva, a primeira transgressora deixada para o final dos questionamentos divino devido, possivelmente, haver ela sido criada *após* Adão, que seria o *responsável* pela *transmissão* acerca da proibição divina. O Criador *não* repetiu as mesmas perguntas à Eva, nem sequer a *questionou* a respeito de ter *acrescido* um *segundo* mandamento²⁵ além do *único* determinado por Deus.²⁶ De fato, Deus fez apenas *uma* pergunta à mulher: “[...] Por que fizeste isto? [...]” (Gn 3.1-3,13a, ACF 2011). A pergunta foi *inédita* e, por alguma razão, Deus não a fez a Adão. O Criador queria ouvir da Eva a *razão* do *feito*, o *porquê* a mulher o desobedecera. A resposta está óbvia no texto que afirma que ela desejara ser “como Deus”²⁷. O questionamento divino aparentemente objetivou *extrair* de Eva, *não* a confissão do ato pecaminoso, mas *sim* sua *motivação*, ou qual *pulsão* a levara à desobediência.

O ser humano parece adoecer *psicologicamente* ao guardar algum segredo espúrio, transgressor ou mesmo criminoso, como afirmam os seguintes textos bíblicos: “O que encobre as suas transgressões nunca prosperará, mas o que as confessa e deixa, alcançará misericórdia. [...] Confessai as vossas culpas uns aos outros [...], para que sareis” (Pv 28.13; Tg 5.16, ACF, 2011). A história provê-nos exemplos de criminosos que, ao serem descobertos, expuseram seus crimes com detalhes – como o estadunidense Jeffrey Dahmer, conhecido como “Canibal de Milwaukee” o qual, logo ao ser descoberto e preso, renunciou ao advogado e confessou em detalhes suas dezenas de assassinatos e estripações, além do caso do sacerdote pedófilo de Goiás que escrevia seus abusos infantis em uma agenda, numa espécie de “confissão” pessoal. Eva, contudo, *conscientemente* recusou-se a confessar sua transgressão, ignorando a pergunta direta de Deus, aparentemente lançando mão dos mecanismos de defesa da “*lembrança encobridora*” e da “*autopiedade*”, vitimizandose perante Deus. Diante disso, Deus não mais pergunta a nenhum deles, o que nos leva ao próximo tomo (IBPC, Módulo 10, p. 29,30).

²⁵“*nem nele tocareis*” – uma “lei” aparentemente criada por Eva ou, talvez por Adão, ao informá-la acerca da restrição divina (Gn 3.3, ACF, 2011).

²⁶“*não comerás*” (Gn 2.17, ACF, 2011).

²⁷Gn 2.5, ACF, 2011.

4.4 Quarta pergunta analítica e a *megalomania*

A narrativa histórica aqui abordada é *posterior* à expulsão humana do Éden e o personagem analisado é *Caim* por ocasião da sua oferta dos frutos da terra a Jeová quando este recusou-se a apresentar a Deus o sacrifício por ele exigido²⁸ (Gn 4.1-7). Caim, diante da recusa divina relativa *a si*, e à *sua oferta* expressou sua *indignação* através da postura *corporal* ao desviar seu rosto de Deus, fazendo conhecido seu *descontentamento* com a *decisão divina*.²⁹

Ante a reação de Caim, Deus fez-lhe *duas* perguntas correlacionadas questionando-lhe *tanto* sobre a *razão*, da sua raiva infundada, *quanto* da sua *postura* no mínimo atrevida. A *terceira* pergunta foi de caráter *retórico* e dizia respeito à *irreducibilidade* de Deus quanto à condição *divina* imposta para permitir a aproximação *humana* à sua *comunhão*: Caim deveria oferecer o sacrifício *correto*, exigido por Deus, caso contrário afirmou Deus, Caim passaria a sofrer um *conflito* interminável com seu pecado e sua poderosa *pulsão* maligna, identificada pelo apóstolo Paulo, como natureza “*carne*³⁰”, e por Freud como a instância do *Id*, no inconsciente, caracterizada pelo irrefreado desejo de realizar todas as vontades pessoais, sob quaisquer circunstâncias ou custos. Caim não respondeu nenhuma pergunta. O relato mosaico descreve então o assassinato de Abel por Caim e seu novo encontro com Deus que fazia-lhe *duas* perguntas: *onde* estava o irmão e *o que* Caim fizera com ele (Gn 4.9,10) – à *primeira* Caim respondera com escancarada afronta, e novamente ignorou a *segunda* pergunta. Jeová então amaldiçoa a Caim diante da sua irrazoabilidade e da sua evidente ausência de arrependimento – sintomas de um *condutopata* esquizofrênico.

Consideramos que o objetivo central da pergunta divina a Caim visava levá-lo a enxergar seu caráter *megalomaniaco*, que o desfigurava como criatura humana, porquanto agia como se fosse superior ao próprio Criador que deveria *submeter-se* à vontade da criatura aceitando o

²⁸Caim foi o *primogênito* de Adão e, apesar de o texto não informar *quando* o sacrifício foi exigido, supõe-se que na ocasião em que *Jeová matou os animais* para vestir Adão e Eva, aquele ato tornou-se o *modelo exigido* para os futuros sacrifícios cuja *pedagogia* visava a *recordação* do motivo da *expulsão* humana do Éden assim como a *lembrança* da *misericórdia* divina em ter poupado o humano *transgressor*, matando os animais no *lugar* deles. (MARACAIPE, 2018, p. 71).

²⁹IBPC, Módulo 10, p. 29,30.

³⁰Pulsão *humana* equiparada à *animal*, baseada nos *instintos* básicos de *sobrevivência* e *prazer* (2 Pe 2.12; Jd 10).

sacrifício definido pelo “deus” Caim³¹. O que iniciou no Éden como um movimento de *autonomia* humana (“como Deus”), desenvolveu-se para o movimento da sua *divinação* (“sou Deus”). Freud considerava a megalomania como a *primeira fase* gerada no desenvolvimento humano, seguida pela *última fase* que seria a *depreciação* pessoal³². Segundo o relato bíblico, a “depreciação” humana deveu-se primariamente ao desejo da *autodeificação*, conforme registramos anteriormente.

Caim ignorou as oportunidades divinas de retorno à *sanidade* e entregou-se à pulsão *megalomaniaca*, matando Abel – talvez por ser este o objeto de transferência do Deus que deveria ser morto para que ele, Caim, se erigisse como divindade. Posteriormente, Caim afastou-se do Éden (centro da adoração divina), e dedicou-se à construção da primeira *cidade* e, da sua descendência atribui-se a *origem* dos instrumentos *musicais* e das primeira *armas*, além da prática da *bigamia* e *assassínio*, frutos do desprezo por Deus e da consolidação da *megalomania* humana (Gn 4.16-24). Jesus afirmou que o *assassínio* origina-se no “*coração*” humano e contamina seu próximo³³.

4.5 A esperança da redenção num mundo *neurótico*

Encerrando-se a “sessão” de perguntas, Jeová, o Deus de Israel, anunciou ao casal transgressor, a promessa denominada na teologia cristã como o “protoevangelho” ou a “primeira esperança” humana cujo cerne diz respeito a um homem que nasceria de uma mulher que libertaria a humanidade do atual estado decadente: “E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar.” (Gn 3.15, ACF, 2011)³⁴. Contudo, Deus também anunciou que, apesar da *esperança* do Salvador humano, tanto o homem, quanto a mulher e, igualmente sua *prole*, experimentariam *conflitos* e *decepções* em seus relacionamentos *laborais* e *interpessoais*, bem como *dores* acentuadas nos níveis *físicos* e *psicológicos* enquanto vivessem:

³¹Oportunamente analisaremos a possível influência de sua *mãe*, Eva, na formação do caráter *egocêntrico* de Caim.

³²KENNY, 2015, p. 87.

³³Op. Cit., p. 36,37; Mc 7.20-23.

³⁴Segundo a fé cristã, a “tua semente” reporta-se ao homem salvador, que nasceria de uma mulher (virgem) que é Jesus Cristo. A crença judaica historicamente afirma que, tal libertador é o Messias que ainda se manifestará.

“E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua conceição; com dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará. E a Adão disse: Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: Não comerás dela, maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida.” (Gn 3.16,17, ACF, 2011).

Considerando o “*paradoxo*” divino relativo à *promessa* do Libertador seguido do anúncio das *angústias* e *dores* humanas, conclui-se que a *lição* oferecida a ser *aprendida* e *aplicada* ao viver humano diário *universal*, *acultural* e *atemporal* é que cada pessoa deveria estar *ciente* de que *ninguém* está isento de experimentar angústias e dores enquanto viver e, além disso, não se deve *esperar* ou *iludir-se* em viver algum *tempo* ou *estado* de *ausência* de decepções, conflitos e inquietações. Tal *realidade* deve ser *avertada* ao analisando para que, *primeiramente*, ele não *alimente* seu Ego com uma *vã esperança* de viver algum dia um estado de bem-estar absoluto e perfeito, além de, por conseguinte, *não esperar* ver ou almejar *de outrem* ou *em outrem*, uma *perfeição utópica*. Em outras palavras, o analisando deve conscientizar-se de que ele e todas as pessoas que convivem consigo, vivem suas *idiosincrasias* pessoais, são *imperfeitas*, são *decepcionantes* tanto quanto são *decepcionáveis*, provocam erros e são igualmente *vítimas* de erros, como o próprio paciente. Tal *visão realista* ao contrário de ser deprimente, servirá como uma base sólida para o entendimento de si mesmo, de outrem e da percepção real do mundo no qual vivemos.

Quanto à relação do paciente com Deus, consideramos que a promessa do Libertador revelou que o Criador importa-se com o humano, não só no sentido de *confrontá-lo* com seus erros e pecados, mas também no sentido de que Ele *propõe* à humanidade doente, uma *esperança* escatológica de redenção pois, assim como Deus visitou Adão e Eva para *confrontá-los*, Ele os visitou, sem intermediário, para também propor *reconiliá-los* consigo. O Antigo Testamento está repleto de diálogos e interações entre Jeová e *homens*, *mulheres* e *crianças* comuns, numa relação evidentemente *pessoal*, não *institucional* revelando o Deus *acessível*, *comunicável* e *interativo* que não precisa ser *temido*, apesar de dever ser *respeitado*. Tal descrição “humana” do Criador contrasta com o conceito do deus *distante*, *apático* e *inacessível* que tanto mal faz ao *espírito* humano – uma descrição do “fruto” da culpa, ou da “*síndrome de Adão*”,

presente no *inconsciente* humano em *todas* as gerações a qual, contudo, pode ser *redimida* através do conhecimento que a Escritura Sagrada oferece logo no primeiro livro, o Gênesis.

Em seguida ao anúncio pertinente ao *Libertador*, Deus *despojou* o casal de suas vestimentas efêmeras e, *matando* dois animais, esfolou-lhes para, com suas peles *cobri-los* mais *durável* e *adequadamente*, confirmando ao mesmo tempo que, de fato eles deveriam *envergonhar-se* pela *injusta* transgressão contra Deus, ao mesmo tempo em que demonstrava-lhes objetivamente que *não* os abandonara, pelo contrário, ainda estava ao *alcance* do humano para *prover* suas necessidades e *manter* com eles uma boa relação. O Criador redimiou o casal da sensação de *distanciamento* e *descaso* de Deus que angustia incontáveis pessoas, levando-as por vezes a pôr fim à própria vida por *não* divisarem *em si mesmas* um *valor maior* do ser e do existir – valor este que somente a relação *pessoal* com Deus, conforme cremos, poderia suprir.

Segundo a soteriologia cristã, os animais mortos eram uma *tipologia* da morte de Jesus Cristo no Calvário, sendo que este declarou: “Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim.” (Jo 14.6, ACF 2011). Segundo as palavras de Jesus Cristo acerca de si mesmo, quem o conhece, conheceria igualmente e plenamente o próprio Deus que permitira-se ser encontrado e conhecido ao ser humano *em Jesus* e *por Jesus*, com toda sua graça não discriminadora que abarcava corruptos, latrocidas, prostitutas, ricos, pobres, religiosos antagônicos, ora perdando pecados, ora curando esquizofrênicos, neuróticos e tantos outros males, além de também acolher em seus braços, os infantes e permitindo ser tocado pelos excluídos sociais. Todo esse esplêndido cenário de um Deus *encontrado* em forma humana, conforme declarou Paulo³⁵, torna *real* a possibilidade de um perdão *factual* e *definitivo*, da cura da consciência *culpada* e do *medo* inconsciente (mas real) quanto ao *encontro* com um Deus *irado* e *incompassivo*. Se considerarmos como um *fato* que a origem do medo humano tenha seu *início* descrito no relato bíblico do Gênesis, não seria correto afirmar que,

³⁵Fp 2.5-8.

sendo a causa do medo humano o *afastamento* da amizade e comunhão com *Deus Criador*, a sua *cura* poderia estar no caminho *inverso*? Ou seja, na sua “*conversão*” a Deus?

Freud reconheceu ser o medo comum aos seres humanos, contudo aparentemente desconhecia sua *origem* e, por conseguinte sua *causa* e, conseqüentemente não propôs sua *cura*: “Em O Eu e o Id procurei derivar dessa concepção parental do destino também o medo real da morte que têm os seres humanos. Parece muito difícil libertar-se dela”. (Freud, Obras Completas vol. XVI, 1923-1925, Autobiografia e Outros Textos, p. 176).

Além do *medo*, o sentimento de *solidão* que assola milhões de pessoas e as leva a um estado depressivo, apesar de cercadas de outras pessoas, pode ter também sua cura no conceito do judaico-cristão do Deus *presente*, pronto para *socorrer*, *perdoar* e *prover*, apesar da realidade da culpa humana. O fato de o Criador afirmar que a *solidão* humana *não* ser algo bom, *apesar* da sua *divina presença*, atesta que a natureza *humana* necessita de um relacionamento *tríade* formado por um *homem*, uma *mulher* e o *Criador* de ambos. A *ruptura* dessa interação tríade faz mal *apenas* para o humano, tendo em vista a teologia cristã conceber um Deus *Triúno*, o qual, por natureza, jamais conheceu a *solidão*. Novamente, remetemo-nos à manifestação divina ao mundo na pessoa do *homem* Jesus apresentando-se como o único *pontífice* entre o humano que se *afastou* do Criador e o Deus que revelou-se *perdoador* e *conciliador*, curando assim o aparentemente ilógico, mas real sentimento de *solidão* humana.

5. Abordagem acerca de “Deus” no *setting* psicanalítico

Freud teve como grande e íntimo amigo, Pfister, um cristão, pastor e psicanalista em Zurique, autor, dentre várias obras, da “Christianity and anxiety,” onde abordou acerca da relação da fé cristã e a ansiedade, crendo que a verdadeira religião (a “religião de Jesus”) seria benéfica para o tratamento de todas as neuroses. Pfister demonstrou em uma de suas cartas profundo respeito e gratidão pelos ensinamentos aprendidos com Freud. Não houve contestação ou oposição da parte de Freud no que diz respeito à abordagem de Pfister. De fato, este reconheceu, com gratidão e polidez, a eficácia do tratamento aplicado por Pfister enquanto, ao mesmo tempo, afirmava que tal abordagem não convinha a si próprio, Freud, porquanto para este, os bons resultados alcançados por Pfister deviam-se à “transferência erótica” que os pacientes do religioso lhe dirigiam, ao mesmo tempo em que reconhecia a habilidade do amigo em conduzi-los a um estado “afortunado” passado, quando a religião sufocava (não curava) as neuroses. Apesar de declarar que a incompatibilidade entre religião e ciência, Freud afirmou que psicanálise é uma “ciência” *neutra*, nem religiosa nem antirreligiosa, sendo um instrumento *benéfico* usado tanto por sacerdotes (religiosos), quanto por leigos (irreligiosos) (MENG; FREUD, p. 10, 16, 17, 19, 1909, 1923; KENNY, 2017, p. 4).

Nesse sentido, concordamos que a abordagem antropológico-teológica no *setting* psicanalítico *não* deve ser confundida com um ativismo *sectário* religioso, mas como uma *contingência* de análise terapêutica que visa a condução do psicanalisando a avaliar sua relação com Deus, como uma *possibilidade* de identificar a origem de algum tipo de trauma psíquico.

Relativamente às citações de personagens e acontecimentos bíblicos aos quais recorreremos nesta obra, consideramos e defendemos que tal recurso é tão válido quanto à utilização de personagens, citações e acontecimentos mitológicos nos quais baseiam-se teorias psicanalíticas como por exemplo o complexo de Édipo ou de Electra.

Tendo esclarecido nossa abordagem, sugerimos algumas perguntas práticas uma “anamnese” baseada em nossa abordagem anteriormente descrita nesta obra, que o psicanalista poderia recorrer em sua análise antropológico-teológica:

5.1 – Perguntas relacionadas à *crenças pessoais*

“Como você se definiria ou se consideraria em relação à sua crença pessoal?”

“Você conseguiria identificar a origem ou histórico de como chegou à sua crença?”

“Você sente alguma carência afetiva não satisfeita por pessoas ou coisas físicas?”

“Você chegou a alguma explicação a respeito da causa ou origem dessa carência insatisfeita?”

“Você já buscou ou cogitou algum tipo de experiência que suprisse tal essa carência?”

5.2 – Perguntas relacionadas ao *medo*

“Você saberia definir o que é o medo?”

“Você saberia dizer se o medo em si poderia ser bom ou ruim, apropriado ou inapropriado?”

“Você sabe a diferença entre o medo “bom” e o “ruim” ou a diferença entre medo e fobia?”

“Você conseguiria identificar algum sentimento de medo que lhe incomodaria?”

“Você consegue dormir bem, com boa qualidade e tranquilidade?”

“Você saberia identificar o porquê de não estar podendo dormir como gostaria?”

“Você saberia dizer se o sono tem sido perturbado por um sonho/pesadelo recorrente?”

“Você é incomodado por algum medo objetivo, racional, justificável? Qual seria?”

“Esse medo lhe afugenta ou paralisa de algum modo ou grau?”

“Esse medo lhe prejudicaria de algum outro modo?”

“Você acha que seria possível superar esse medo? Por que/Como?”

“Você sente medo de algo futuro ou passado? O que seria?”

“Você acha que esse medo é razoável ou justificável? Por que?”

“Você acha que seria possível superar esse medo? Por que/Como?”

5.3 – Perguntas relacionadas à *culpa*

“Você sente incômodo ou tormento devido a alguma decisão ou ação que você realizou, mas que prejudicou alguém?”

“Você considera que a ação foi justa?”

“Você poderia ter evitado, optado por uma decisão não prejudicial?” Por que não o fez?”

“Como “Você qualificaria sua atitude?”

“Você sente incômodo ou tormento por ter concordado com alguma decisão ou ação que outros tomaram e que prejudicou alguém?” Foi um ato justo?” “Você poderia ter evitado?”

“Você abriga algum sentimento ruim por alguém?” Saberá identificar a razão desse sentimento?”

“Você saberia definir “culpa” para ter certeza que esse incômodo seria “culpa” mesmo?”

A título de identificar a origem da palavra “medo”: O termo latino é “culpa” e significa estado de quem comete uma falta, um crime ou delito.

O termo “culpa” em hebraico é originário de três palavras:

“Katá” que também significa “pecado, transgressão, desvio, perda, erro”.

“Asham” que também significa “falta, transgressão”.

“Avon” que também significa “iniquidade, perversidade, injúria, estrago”.

“Há alguma maneira de reparar, reverter ou redimir-se dessa decisão?” Por que/como?”

“Você tem realizado algo ou se empenhado em alguma atividade em busca de reparação pessoal ou como uma maneira de fugir ou evitar algo ou alguém?” Gostaria de falar sobre isso?”

5.4 – Perguntas relacionadas à *confissão de culpa*

Esta série de perguntas podem surgir naturalmente após as perguntas relacionadas ao medo. Podem referir-se às experiências ou sentimentos com fracassos pessoais, desânimo para com deveres ou obrigações que não seriam, na opinião do analisando, assuntos bem resolvidos.

“Você passa por alguma experiência em que se *impotente* para *realizar* algo *justo* ou *bom*, que deveria ser *feito*?”

“Você passa por alguma experiência em que se *impotente* para *deixar* de fazer algo *injusto* o *mal* que *não* deveria estar sendo feito?”

“Você sente algum tipo ou grau de incômodo em sua consciência devido a alguma ação ou decisão passada?”

“Você evita consciente ou inconscientemente alguém ou algum local devido a alguma coisa ruim experimentada no passado no qual você teve alguma responsabilidade?”

“Você consideraria a possibilidade de haver algum perdão ou redenção relativo a algum crime ou ofensa grave realizada no passado ou no presente?”

“Você seria capaz de perdoar algum crime ou ofensa recente ou passada sofrida por você ou sofrida por alguém que você amaria?”

5.5 – Perguntas relacionadas Deus e à religião

“Você tem ou teve alguma experiência religiosa?”

“Como você se definiria em termos religiosos?”

“Você sente satisfação espiritual com alguma prática religiosa?”

“Você tem ou já teve alguma experiência ruim com alguma prática religiosa?”

“Você sente satisfação em seus anseios espirituais, em relação às questões quanto à sua *origem* enquanto ser humano, ao seu *propósito* de vida pessoal e seu *futuro* espiritual?”

“Você saberia dizer se há alguma *diferença* entre a relação com Deus e a relação com alguma religião?”

“Você acredita em Deus?”

“Se você acredita em Deus, você saberia descrevê-lo de alguma forma?”

“Se você *não* acredita em Deus, você saberia dizer *desde quando* passou a *não* acreditar em sua existência?”

“Se você identifica desde quando não acredita em Deus, conseguiria *explicar* ou *identificar* o por quê *decidiu* não acreditar na existência de Deus?”

“Você saberia dizer a diferença entre “*não crer* que Deus existe” e “*não confiar* em Deus”?”

“Você experimentou ou experimenta alguma *decepção* ou *desgosto* com Deus? Conseguiria identificar a causa dessa *decepção* ou *desgosto*?”

“Se Deus estivesse aqui em *meu lugar* e ele lhe perguntasse se você gostaria de *lhe* falar alguma coisa, seja o que for, o que você *lhe* diria?”

5.6 – Perguntas relacionadas à *esperança*

“Você sente satisfação ou realização em seu estado atual como ser humano, como *profissional*, como *filho/filha* ou como *marido/esposa*?”

“Você tem alguma *esperança* de que possa *melhorar* em relação a alguma insatisfação *consigo* mesmo/mesma?”

“Você tem alguma *esperança* de que algo possa melhorar em sua vida?”

“Você saberia identificar sobre qual *fundamento* estaria sua *esperança*? Alguma coisa, alguma pessoa ou algum acontecimento?”

“Você acredita na possibilidade de algum dia viver sem problema *algum* ou sem *nenhuma* relação conflituosa com alguém?”

Conclusão

O conceito freudiano acerca da origem e estrutura humana, ao nosso ver, deixou uma lacuna para explicar satisfatoriamente a origem de conceitos universais humanos acerca de fé na existência de um *ser supremo*, acima de *si mesmo* e dos próprios deuses propostos pela imaginação humana. Justamente tal crença *universal* na existência de Deus traria à tona ao paciente, segundo cremos, a relação sobrenatural latente no ser humano (até mesmo num ateu), porquanto nenhum humano *nasce* ateuista, mas *torna-se* ateu³⁶ sob alguma *influência* que o *instrui* a declarar-se assim. Mesmo em suas citações a respeito da origem do conceito divino e da religião, Freud constatou que as antigas civilizações *não* propagavam o ateísmo, mas o contrário disso: o *politeísmo*. Conforme também citamos no tópico relativo à relação de Freud com a religião, a história humana evidencia que, ao contrário da tese de que o *monoteísmo* seria uma *evolução* “natural” do *politeísmo*, de fato, este último surgiu gradativamente *após* o monoteísmo, a crença *primeva* humana.

Sob o ponto de vista teológico cristão, cremos que Freud equivocou-se ao analisar o humano *estritamente* como um ser “animal” – apesar de haver nos humanos *semelhanças* com alguns animais, como os *mamíferos*, dotados pelo *Criador* com dons *semelhantes* aos humanos, como expressões de *amor*, *raiva* e o *medo*. Entrementes é clara a *superioridade* criativa, intelectual e redentora humana sobre tais criaturas; superioridade que pode apenas ser compreendida considerando-se a presença do *espírito* em cada humano – ora, o espírito *não* é um fenômeno natural, mas sim *sobrenatural*, divino. Pfister identificou essa área como “*Cosmologia*”, crendo ser sua abordagem, *necessária* na psicanálise (PFISTER, 1923, p. 160, 162).

Concluimos assim que, ao considerar-se “Deus” como uma *neurose*, isso desenvolveria uma *barreira desnecessária* e *prejudicial* ao processo terapêutico por precisamente ignorar que o analisando tem sua fé, suas convicções religiosas e crenças espirituais diretamente relacionadas ao seu *bem* ou *mal-estar* e não uma evidência de um quadro de “*neurose universal*”.

³⁶Do grego “*atheos*” (“*sem Deus*”). O salmista declara que o tolo diz “*não a Deus*” ao contrário do conceito da afirmação de que “*não há Deus*” (Sl 14.1; 53.1, ACF, 2011).

Referências bibliográficas

ALCORÃO, o Sagrado: A tradução portuguesa mais precisa do Alcorão, Edição do Kindle, 2022.

BÍBLIA SAGRADA, A, *Almeida Corrigida Fiel* (ACF), traduzida em português por João Ferreira de Almeida, São Paulo, SP: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2011.

BIBLEWORKS, Version 10.0.4.216, USA, 2016.

CAPITALIST, Visual, Mapped: The World's Major Religions, Disponível em <https://www.visualcapitalist.com/mapped-major-religions-of-the-world/>, acesso em outubro/22.

FREUD, S., *Moisés e o monoteísmo, Esboço de psicanálise e outros trabalhos* vol. XXXIII, (1937-1939) – Tradução James Strachey, São Paulo, SP: IMAGO, s/ data, disponível em: 14486.pdfwww.companhiadasletras.com.br, acesso em: outubro/2022.

_____, S., *Obras Completas, Vol. 16, o Eu, o ID, "Autobiografia" e Outros Textos (1923-1925)* – Tradução de Paulo César de Souza, São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2011.

HODGES, C. D., *Depressão e Transtorno Bipolar, Ajuda e Esperança para o Enfrentamento Eficaz*, Eusébio, CE: Editora Peregrino, 2012.

IBPC, Curso de Formação em Psicanálise, Psicopatias I, 2020-2021, v.3.01, disponível em: <https://www.psicanaliseclinica.com/psicanalise-freudiana/>, acesso em outubro/2022.

_____, *Módulo 10 - tópicos avançados em clínica psicanalítica*, disponível em: <https://www.psicanaliseclinica.com/psicanalise-freudiana/>, acesso em outubro/2022.

_____, *Psicanálise Freudiana: 50 principais conceitos resumidos*, disponível em: <https://www.psicanaliseclinica.com/psicanalise-freudiana/>, acesso em outubro/2022.

KENNY, T. D., *God, Freud and Religion – The origins of Faith, Fear and Fundamentalism*, New York, NY: Routledge, 2015 disponível em: god, freud and religion: the origins of faith, fear and fundamentalismdl.uswr.ac.ir, acesso em setembro 2022.

MARACAIPE, M., *Do Nada ao Novo, O Eterno Socorre o Finito*, 2018, 2ª edição, Pinhais, PR: Editora Crescendo.

_____, M., *Família, Jardim de Deus e Arena do Diabo*, 2016, Pinhais, PR: Editora Crescendo.

MARK, J. J., *Mesopotamia*, World History, artigo publicado em 14/3/18, disponível em: <https://www.worldhistory.org/Mesopotamia/>, acesso em novembro/22.

MENG, H., FREUD, E. L. (Editors), *Psychoanalysis and Faith – The Letters of Sigmund Freud and Oskar Pfister*, New York, NY: Basic Books, 1963, disponível em: https://archive.org/stream/psychoanalysisfa00freu/psychoanalysisfa00freu_djvu.txt, acesso em setembro/2022.

MEZAN, R., *Que Tipo de Ciência é, afinal, a Psicanálise? – Versão Reelaborada e Ampliada de uma Comunicação Apresentada no Ciclo “Pensamento Cruel”*, 2004, São Paulo, SP: Natureza Humana 9(2): 319-359, jul.-dez. 2007.

MOREIRA FILHO, A. A., OLIVEIRA, V. K., *O que é neurose? Como saber se uma pessoa é neurótica?* disponível em: <https://www.abc.med.br/p/psicologia-e-psiquiatria/220200/o+que+e+neurose+como+saber+se+uma+pessoa+e+neurotica.htm>, acesso em outubro/2022.

PFISTER, O., *Some Applications of Psychoanalysis*, 1923, London, England: George Allen & Unwin, Ltd.

SILVA, R. P. *Escavando a Verdade*, 2021, Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira.